

PSICOLOGIA DO ESPORTE E FUTEBOL: ANÁLISE DA BASE DE DADOS DA SCIELO

Lucas Bertelli Guimarães¹; Matheus Christian da Silva Amâncio²; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: lukzbertelli@gmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: matheuschristian159@gmail.com
3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: geovanamc@umc.br

Área de conhecimento: **Psicologia**

Palavras-chaves: Psicologia do esporte; futebol; análise quantitativa.

INTRODUÇÃO

Tratando o futebol como uma modalidade esportiva, este exige dos participantes muito esforço físico, aproximado aos limites de exaustão. Os atletas têm que sustentar o peso do corpo e a realização de movimentos em várias direções e formas, com mudanças rápidas e improvisadas de posição, executadas tanto nos treinamentos e como nas competições (VIEIRA, 2009 apud RODRIGUES et al., 2015). De acordo com Toledo (2008) são dezessete as regras que viabilizam, tanto do ponto de vista competitivo quanto do ponto de vista estética, uma partida de futebol, formando um conjunto de preceitos distribuídos nos manuais e livros de regras, que direcionam os jogadores e a competição para as dimensões práticas e de vivências da modalidade. Mascarenhas (2012) coloca que o futebol no Brasil é um elemento central na cultura do país. Segundo Guterman (2013) o futebol é o maior fenômeno social do Brasil, apresentando uma representatividade identitária da população como também significa um dos maiores desejos dos brasileiros. O futebol nacional representa uma ampla gama de sentimentos, práticas sociais, representações, sentidos e significados (MASCARENHAS, 2012). No início do século XX, o futebol não era disseminado no Brasil, sendo praticado em pequenas cidades e causando até estranhamento nas grandes capitais, Mascarenhas (2012) ainda afirma que antes de 1920 o futebol era elitizado e praticado em poucas regiões. Guterman (2013) reitera que o futebol no Brasil os jogadores eram importados por aristocratas ligados aos europeus que exploravam o desenvolvimento do país na época, e que negros e operários, só passaram a participar do time dos brancos quando se tornaram decisivos para ganhar títulos, caso contrário só tinham lugar nos campos de várzea. Devido ao tamanho do país, o processo até adotar-se um campeonato de nível nacional levou muitas décadas (MASCARENHAS, 2012). As rivalidades entre grandes times eram dadas dentro das cidades, e não entre estados. De acordo com Mascarenhas (2012) os primeiros campeonatos estaduais aconteceram nos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Eram chamados de campeonatos estaduais, apesar do fato de serem disputados por times das mesmas cidades. No período de 1920-1971 o futebol nacional passou por um período de gigante expansão, que incluiu a Copa do Mundo realizada no Brasil, construção de estádios com capacidade elevada nas grandes cidades e culminou com o primeiro campeonato nacional, realizado em 1971 (MASCARENHAS, 2012). Atualmente, o futebol é prática nacional, que já ultrapassou barreiras de entretenimento e recreação, se apresentando como fenômeno cultural e de identidade (SOUZA, 2013). Souza (2013), afirma que, para alguns, o futebol é sinônimo de cultura, de um estilo de vida, podendo modificar costumes, linguagem, relações, pensamentos e a comunicação. Sendo assim, o futebol é uma das modalidades de interesse da psicologia do esporte. A psicologia, enquanto ciência e profissão, vem expandindo seus horizontes, seja geograficamente, em áreas de atuação ou áreas de pesquisa (RUBIO, 1999). Uma dessas áreas, que vem sendo disseminada enquanto área das Ciências do Esporte, é a

Psicologia do Esporte (RUBIO, 1999). De acordo com Weinberg e Gould (2017) a Psicologia do Esporte é o estudo científico do comportamento das pessoas no Esporte e nas atividades físicas; resultando na aplicação do conhecimento da própria Psicologia do Esporte. A partir disso, percebe-se que a Psicologia do Esporte é inserida em três grandes áreas: a Psicologia, a Ciência do Esporte e o próprio esporte (VIEIRA et al., 2010). Para Vieira et al. (2010, p. 392), a Psicologia do Esporte “é simultaneamente um campo profissional que olha para o esporte e para o exercício físico na perspectiva psicológica.” Para Samulski (2002) a Psicologia aplicada ao esporte de rendimento terá que tratar a análise e a modificação dos fatores psíquicos determinantes ao esporte, com a finalidade de otimizar o desempenho e auxiliar na recuperação. De acordo com Castellani (2014), a importância da psicologia vem sendo ressaltada por atletas, dirigentes e comissão técnica, como parte fundamental de preparação e treino dos jogadores; o que leva a ter um psicólogo na própria comissão. A psicologia esportiva aplicada ao futebol tem como um dos seus objetivos aumentar o desempenho dos atletas, por meio de intervenção psicológica, buscando integrar teoria e prática (CASTELLANI, 2014). Para Castellani (2014) são exemplos de treinamento de habilidades psicológicas: controle emocional (domínio da raiva, medo, ansiedade e frustração), motivação e autoeficácia. Como área em desenvolvimento, a Psicologia do esporte está em expansão no Brasil, tanto em aplicação como em teorias. De acordo com Vieira et al. (2010) produção científica sobre a Psicologia do Esporte começou no final do século XIX, com Fitz, que dizia que o jogar era um meio de se preparar para a vida, pois auxilia na capacidade de julgamento e resolução de problemas (FITZ, 1897 apud. VIEIRA, 2010). Ainda no século XIX, Triplett (1898) estudou a influência da presença de um rival em ciclistas de rendimento (VIEIRA, 2010; WEINBERG e GOULD, 2017). Para Vieira (2010), no início no século XX, as publicações não eram de fato científicas, mas escritas por educadores, atletas e jornalistas. Nesse período, acreditava-se que o alto rendimento dos atletas era fruto do estado mental apresentado por eles nos momentos de competição (LEE, 1901, apud. VIEIRA, 2010). A produção científica envolvendo futebol e a Psicologia do Esporte começa, de acordo com Castellani (2014) junto com a transformação do futebol, no sentido de tornar-se um esporte visto como algo politizado, mercadorizado e parte do *show business*, no sentido de aumentar a pressão nos atletas e comissão técnica por resultados favoráveis. Além disso, é importante ressaltar a pesquisa científica como procedimento de aumentar o alcance da informação que está sempre sendo atualizada, tanto para a comunidade científica quanto para o público (WITTER, 1996; WITTER, 1997 apud DAWALIBI et al., 2013). Assim torna importante para a área da Psicologia com aplicação em Psicologia do esporte mapear as produções sobre futebol no contexto brasileiro. Portanto essa pesquisa tem por objetivo analisar a produção científica sobre a Psicologia do Esporte e o Futebol, na base de dados da SciELO.com e SCIELO.BR, especificamente analisar os artigos diante das variáveis, produtores de ciência (gênero e autoria); tipo de pesquisa (básica ou aplicada); Variáveis psicológicas associadas ao futebol; caracterizar a população praticante da modalidade (Idade dos atletas).

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa documental que é uma metodologia que consiste na natureza das fontes a serem estudadas, utilizando documentos sem tratamento analítico, e que podem ser alterados conforme o objetivo da pesquisa (GIL, 2008). Como delineamento, essa pesquisa é de levantamento que é um tipo de pesquisa que destaca variáveis de uma realidade específica, não determinando relações de causa-efeito (RUDIO, 1985 e MELTZOFF, 1998 apud CAMPOS, 2008). Foram usados para a coleta e análise de dados, artigos das bases de dados Scielo.org, Scielo.br, BIREME e CAPES, utilizando os termos “Psicologia do Esporte” AND “Futebol”, sendo aplicado os critérios de inclusão para o levantamento são de tempo (2008-2018) e idioma escrito (português, inglês e espanhol),

totalizando 161 artigos. Após a leitura dos resumos foram excluídos 69 materiais que não apresentavam acesso ao material completo e 44 teses e dissertações. A partir da leitura do material completo, nenhum material foi excluído, totalizando 48 materiais para a análise. Foi utilizada a abordagem quantitativa-descritiva, em que, conforme Marconi e Lakatos (2013), é um método que busca identificar as causas do fenômeno observado através de análise estatística, em que se relaciona as variáveis existentes para a confirmação das hipóteses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ano de 2012 teve mais artigos encontrados com 27,3% das produções; seguido de 2017 com 18,2%; 2011, 2014 e 2018 com 12,1% cada; 2010 com 9,1%, 2016 com 6,1 e 2013 com 3%. O tipo de pesquisa dos artigos foi avaliado com aplicadas ou teóricas. A frequência maior foi de pesquisas aplicadas, com 81,8% artigos encontrados e teóricas com 18,2%. No gênero feminino, foram 90% dos artigos encontrados de autoria múltipla; 8% artigos de coautoria e 2% de autoria única. Já no gênero masculino, 91% dos artigos são de autoria múltipla; 6% em coautoria e 3% com única autoria. A Universidade com o maior número de autores foi a Universidade Estadual de Santa Catarina, com 10,3% da produção; Universidad de Murcia e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 6% cada; a Universidade Estadual de Londrina, 5,1%; Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidad de León, Universidade Federal do Paraná, Michigan State University, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Pernambuco e a Universidade Federal de Pelotas, 3,4% cada; Universidade Católica de Brasília, Centro de Investigación Educación Física Salud Deporte Recreación y Danza, Linkoping University, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo- Ribeirão Preto, Pontífice Universidade Católica de São Paulo, Instituto de Deportes de Boyacá, Instituto Universitário: Núcleo de Psicologia do Desporto e da Atividade Física, 2,6% cada; a Pontífice Universidade Católica do Paraná e Universidade Federal, 1,7% cada e a Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de Genoa, Universidade de Sfax, Universidade de Taif, Universidade Estadual de Campinas, Universidade John Moores, Edith Cowan University, Instituto Federal do Pará, Pontífice Universidade Católica- Rio de Janeiro, Califórnia University, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Luterana do Brasil, Universidade Federal do Vale do São Francisco, CESUSC, Universidad Nacional de Educación a Distância, National Center of Medicine and Science in Sports e Institute of Kinesiology Research tem 0,9% cada. 2,6% representa os autores em que a Instituição não foi informada. Em relação a maior produtora de pesquisa, encontra-se a Universidade de São Paulo; em um contexto geral, as universidades públicas produzem mais que as privadas (CROSS, THOMSON e SINCLAIR, 2017). Foram identificadas as variáveis psicológicas mencionadas nos artigos (tabela 5). A variável mais estudada foi estresse com 12,2%, seguida por Percepção com 9,8%, Liderança 7,3%, Motivação 7,3 %, Ansiedade, Coesão e Humor, 4,9%, Burnout, Coesão de grupo, Personalidade, Julgamento Moral, Raciocínio, Emoção, Controle emocional, Auto confiança, Ansiedade Pré-competitiva, Autoconhecimento, Dominação, Habilidades Sociais, Identidade, Inteligência Tática, Neurocognição, Percepção sobre a profissionalização no futebol, Violência Simbólica, 2,4%; 7,3% mostra a porcentagem dos artigos em que não houveram variáveis (Tabela 5). Não foi encontrado material que justificasse estresse como sendo a variável mais estudada. A amostra com maior frequência foi Grande com 26,8%, pequena e Média com 24,4%, sem amostra 12,2%, não informado com 9,8% e muito pequena com 2,4%. Apesar da porcentagem elevada na tabela, não foram encontrados que mostrassem a amostra grande como a mais utilizada em pesquisas. A maior frequência foi do gênero masculino com 48,1%; em seguida, masculino e feminino, 25,6%, feminino 15,9% e não informado 10,4%. Não foram encontrados artigos referentes ao gênero de amostra mais utilizado; porém, como dito por Miot (2011), uma maneira de evitar variabilidade nas respostas é selecionar a amostra por diversas variáveis, inclusive gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação a produção científica sobre a temática, observa-se que são poucos os artigos correlacionando a área de Psicologia do Esporte e Futebol. Tendo em vista a importância de uma área como a Psicologia do Esporte e a dominância que representa o futebol no País, faz-se necessário a continuação de materiais publicados relacionando as duas áreas, com a intenção de avançar a ciência e desempenho no esporte.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2008.

CASTELLANI, Rafael Moreno. Futebol e Psicologia do Esporte: contribuições da Psicologia Social. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, vol.12, n. 2, p. 94-113, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências e Saúde**. Vol. 15. Rio de Janeiro, 2008.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2013.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre a paisagem e identidade através dos estágios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (Orgs.) **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, p. 67-85, 2012.

MIOT, Hélio Amante. Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. **Jornal Vascular Brasileiro**. Vol. 10, n. 4. Porto Alegre, 2011.

SAMULSKI, Dietmar.. **Psicologia do Esporte**. 1. Ed. São Paulo: Manole. 2002
Psicologia em Estudo. Paraná, vol. 15, n. 2, p. 391-399, 2010.

WEINBERG, Robert S; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia aplicada ao exercício e ao esporte**. 6. Ed. Porto Alegre: ARTMED. 2017.